

**Mauro Klebis Schiavon**

*Centro Universitário Anhanguera  
unidade Leme*

mauroschiavon@ig.com.br

**Afonso Antonio Machado**

*Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho - IB/UNESP Rio Claro*

afonsoa@gmail.com

## PSICOLOGIA DO ESPORTE E A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA

---

### RESUMO

Uma análise de onde está a psicologia do esporte e onde tem sido aplicada, é tratado mais amplamente neste artigo quando poderemos ver a natureza desta psicologia esportiva. A natureza da psicologia do esporte no futuro será determinada pela pesquisa, escritos e aplicações práticas daqueles que agora trabalham na área, pois eles estarão estabelecendo o campo de conhecimento, a sua aplicação prática e orientação filosófica. Esta direção é certamente um grande desenvolvimento da psicologia do esporte que é excitante e atraente para todos. Qual é, então, o futuro para a psicologia do esporte? O que os psicólogos do esporte estarão fazendo daqui a 10 ou 20 anos a partir de agora? Este é o problema.

**Palavras-Chave:** psicologia do esporte; intervenção; educação física.

---

### ABSTRACT

An analysis of where sport psychology is, and where it has been, is covered more extensively in this article when we could see the nature of sport psychology. The nature of sport psychology in the future will be determined by the research, writing and applied practices of those now engaged in sport psychology, they will be establishing the field of knowledge, its applied practices and philosophical orientation. This direction is surely the one major development in sport psychology that is exciting and attractive to everyone. What, then, is the future for sport psychology? What will sport psychologists be doing 10 or 20 years from now? It is the problem.

**Keywords:** sport psychology; intervention; physic education.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato  
Alameda Maria Tereza, 4266  
Valinhos, São Paulo  
CEP 13.278-181  
rc.ipade@aesapar.com

Coordenação  
Instituto de Pesquisas Aplicadas e  
Desenvolvimento Educacional - IPADE

Artigo Original  
Recebido em: 22/07/2011  
Avaliado em: 30/08/2011

Publicação: 20 de julho de 2012

## 1. INTRODUÇÃO

Muitos foram os progressos registrados na Psicologia do Esporte, do ponto de vista teórico-prático; todos consideráveis, porém pouco difundidos. Em alguns países, a Psicologia do Esporte foi reconhecida apenas como um contributo válido para o enriquecimento do potencial atlético, compondo junto com o Treinamento Esportivo. Em outros, a sua história caminhou por outros lados, possibilitando a recuperação de lesões psicológicas e físicas, enriquecendo a Medicina do Esporte e, ainda em outros, auxiliou no entendimento e resolução dos problemas humanos a que os envolvidos com o esporte se defrontam, aproximando-se de uma visão Psico-Pedagógica do Esporte. Mas, em qualquer destas, pairou uma questão: quem é aquele profissional? De onde ele veio? O que pode fazer?

A Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte tem sua criação em Roma, em 1964, fato que nos leva a entender que esta área de conhecimento é recente em todo o mundo. Tal situação pode explicar, possivelmente, a pouca existência de estudos que analisem seu nascimento e seu desenvolvimento, no mundo e no Brasil. Assim, o entendimento de sua evolução, suas tendências, seus profissionais e suas atuações demandam de uma análise panorâmica, seguida de estudos focais que permitam perceber o nicho ecológico da Psicologia do Esporte.

Sua trajetória curta e seu envolvimento interdisciplinar com as Ciências do Esporte vêm ligados aos compromissos com interfaces do mundo esportivo, possibilitando sua locação em territórios da Educação Física, do Esporte, da Psicologia e das Humanidades. Muito da produção científica atual vem norteadas pelos olhares das Ciências do Esporte, com paradigmas delineados e amplamente conhecidos no mundo do esporte, mas já de domínio de outras áreas que se interessam ou buscam a interface.

Até a década de 70 houve uma pequena exploração da Psicologia do Esporte; estudos de Lawther datados de 1951 são exemplos americanos de produções que posteriormente receberiam considerações e reconhecimentos internacionais. Aliando o início da circulação de boletins, jornais, revistas e livros específicos, com a fundação de sociedades de pesquisadores da Psicologia do Esporte, fica evidente a consolidação desta especialidade em vários países e sua erradicação em vários cantos do mundo esportivo.

É sabido que a Psicologia do Esporte tem uma evolução mais lenta que outras especialidades psicológicas ou das ciências do esporte, provavelmente se deva a questão de ter se iniciado em laboratórios de Fisiologia ou de Educação Física, mantendo certo distanciamento dos avanços da própria Psicologia, ou da própria Fisiologia (BAYONA,

2007). Isto se dá pelo fato de não ter explorado adequadamente os caminhos da interdisciplinaridade, como convém a uma especialidade que deve tratar de elementos da Psicologia e da Ciência do Esporte, com igual compromisso.

Ainda no esporte de alto nível é notado o desconhecimento do trabalho deste profissional, ou a inadequação do uso do preparo psicológico, criando um espaço grande entre os profissionais da área técnico-tática e fisiológica e o responsável pela área psicológica. Consideramos que o silêncio em relação à divulgação de projetos e pesquisas, tanto quanto os desconhecimentos da própria psicologia do esporte sejam motivos suficientes para tamanha indiferença ou desvalorização da área, em clubes ou equipes competitivas.

Além disso, a briga territorial para se ter conhecimento de quem é essa parte do trabalho, na sociedade mercantilista-profissional, tem criado fendas abissais que apenas emperram o avanço da área que nasceu interdisciplinar e tentam transformá-la em intradisciplinar, focando apenas um interesse classista. Esta falha no campo de atuação tem aumentado a desconexão entre a necessidade do esporte e do movimento humano e a orientação a ser oferecida pelo preparador psicológico, gerando muito atrito profissional, pouca ética e desvalorizando o ambiente de trabalho, ainda nem tão bem estruturado.

Em função desta situação, próprias das novas áreas profissionais em crescimento, são poucos os profissionais que atuam neste campo, mesmo sabendo das variabilidades existentes no mundo esportivo, que contempla as iniciações esportivas em clubes e escolas, as aulas de danças e ginásticas em academias, os movimentos de recreação e lazer (em grande crescimento junto às atividades físicas de aventura na natureza). Pesquisas sugerem que este quadro ocorra em função dos limites impostos pelos cursos de graduação, nas áreas afins (MACHADO, 2003).

Por ser muito novo, no Brasil, o campo de atuação torna-se bastante limitado, tendo em vista a pouca informação que se tem sobre a própria Psicologia do Esporte. Mesmo aumentando o grau de exigência humana em confrontos esportivos ou na busca de recordes e limites esportivos, nem por isso o trabalho interdisciplinar das equipes que cuidam destas conquistas contam com um psicólogo do esporte. Esquematizar projetos que visem minimizar prejuízos afetivos, realizações frustradas, decepções, efeitos negativos das torcidas, ressaltar aspectos positivos de uma liderança, delimitar os papéis dos elementos dos grupos para seus dirigentes, simplificar as cobranças dos pais, fãs e familiares dos atletas são atribuições que, aos poucos vêm sendo assumidas pelo psicólogo do esporte, de uma forma assumida pela Psicologia diante de um público específico em uma situação específica: o atleta ou o espectador e o momento esportivo.

## 2. PSICOLOGIA DO ESPORTE ESCOLAR E A FORMAÇÃO DE SEU PROFISSIONAL

Partimos de uma grande dúvida: se o casamento da Educação Física com a Psicologia é um elemento importante em qualquer dos níveis da prática esportiva, qual a razão pela qual a Psicologia do Esporte não contribuiu ainda mais significativamente com seu campo de aplicação? As diferenças científicas, éticas e educacionais entre os profissionais que atuam na área levam a promover ou a impedir as oportunidades que a Motricidade Humana pode vir a usufruir. A Psicologia do Esporte sofre, ainda, uma crise de identidade, muito mais profunda do que outras áreas das Ciências do Esporte, por conta desta identidade pouco delineada.

É com este intuito que estaremos discutindo nosso texto, tentando explicar e analisar cada uma das etapas que demarcam as questões ligadas à formação e a atuação de um profissional da Psicologia do Esporte. Talvez alguns limites tenham que ser estabelecidos e outros superados, mas deverão ser discutidos e refletidos, para que possamos entender o universo profissional e acadêmico envolvidos. Somente assim estaremos aptos a responder: Mas o que é a Psicologia do Esporte? O que um psicólogo do esporte pode fazer? O que é que a psicologia do esporte tem para oferecer às Ciências do Esporte?

O processo de inovação da identidade da Educação Física sugere a saída do campo da busca pelo auto-rendimento e entrando no conceito de cultura corporal. Mas o que se observa é uma resistência por parte dos alunos a este novo conceito. A transformação da Educação Física em um dos instrumentos de mudança e bem-estar social requer, para além daquilo que já conquistou, a reorganização desta disciplina e a redefinição de seus conteúdos e metodologias. Numa sociedade urbana como a nossa, a almejada democratização social passa necessariamente pela instrumentalização, que cabe à escola fornecer, e a própria comunidade subsidiar.

Então, facilitada pela assimilação de movimentos novos e de conhecimentos básicos, é algo que deve permitir aos cidadãos conhecer seus direitos e deveres, ter bem presentes e bem claros seus interesses, de modo a serem capazes de organizar-se para mantê-los e defendê-los, objetivando acima de tudo ter acesso às decisões que os afetam individual e coletivamente. Os fatos apontam que nossa escola vem transmitindo, ao longo do tempo, informações alijadas da realidade e distantes da prática social dos alunos, sobretudo dos que pertencem às camadas populares, dificultando ou mesmo impedindo a assimilação do que é ensinado, ou ainda ensinando o desnecessário e vivenciando o utópico (GARCÍA FERRANDO, 2008).

Compondo com outras disciplinas, enquanto um elemento social ela deve cumprir as funções de repassar conhecimentos já existentes, de socializar as conquistas culturais, de divulgar e debater novos valores e crenças, processos esses que mediatizam a intervenção na realidade social, bem como propor manutenção e/ou melhora de saúde e conhecimento da prática motora.

O professor, enquanto profissional do ensino, tem um papel fundamental – como mediador – na apropriação do saber pelos alunos das variadas camadas populacionais. Para desempenhar bem esse papel, ele precisa compreender os vínculos de sua prática com a prática social global. Precisa igualmente dominar os conhecimentos específicos a transmitir, de forma a referi-lo ao contexto global, sempre, problematizando-os com os alunos, só assim os conhecimentos assimilados serão instrumentos para os alunos alterarem sua prática social, ininterruptamente.

A maior parte dos professores de Educação Física incorporou à sua vivência certa apatia intelectual, uma imagem do professor autoritário, ou ainda, a imagem indiferente e omissa, além da noção de que a avaliação do aluno se dá pela devolução, pura e simples, de conteúdos memorizados ou de perfeita execução técnica, no mínimo. Ao atuar como profissional, verificamos que o trabalho ainda não está organizado de forma a desenvolver, nos alunos, condições para serem futuros professores: organização para estudo, independência, criatividade, espírito crítico, consciência política de seu papel como cidadãos na construção da história (NAHAS, s.d.).

Faltam de certa forma, conhecimentos mais aprofundados e adequados que possam servir-lhes de referenciais para ensinar. Notemos: um não deu e ou não procurou ...outro se satisfaz com o pouco que recebeu. A autonomia, tão falada em reuniões docentes do ensino fundamental e médio, não passa de uma informação diluída num conjunto de discursos utópicos e pobremente politizada.

Então, com uma formação distorcida, fragmentada, superficial e com uma visão idealizada do aluno, o professor de Educação Física busca resolver precariamente o desafio de obter sucesso no trabalho docente com uma maioria de crianças que não corresponde à “ideia do aluno”, que por tanto tempo lhe foi inculcada. Dentro desse quadro, ele precisa lutar diariamente contra aquilo que percebe como “incapacidade” de alunos “mal dotados” que a escola recebe. Normalmente, sem noção da falta de conteúdo aplicável, ele não tem consciência nítida de seu despreparo para exercer uma atuação em relação a esses alunos que são diferentes do que idealizam. E assim, segundo Seurin (1983) tende a reproduzir as deficiências de sua própria formação, com um discurso que beira ao modernismo, mas não avança nem oferece pistas para mudanças substanciais.

No exercício da profissão, devemos reconhecer que nossas escolas de ensino fundamental e médio não têm, ainda, oferecidas totais condições adequadas para o aperfeiçoamento do profissional do ensino, capazes de levá-lo à reconstrução crítica de sua prática docente (GARCÍA FERRANDO, 2008), pela própria inconsistência de formação do profissional. A própria estrutura do trabalho interno da escola não viabiliza momentos de encontro entre docentes que possibilitariam repensar uma prática pedagógica para a autonomia, de localizar os aspectos em que sintam necessidade de atualizar-se e, juntos, buscarem conhecimentos e assessoria específica dos níveis superiores, com visitas a construir uns saberes pedagógicos autênticos, que responda aos desafios que a sociedade hoje lança à escola que aí está, uma vez que os encontros propostos apenas servem para pincelar o real e não para estudá-lo e alterá-lo.

A estrutura e a organização escolar e educacional é fruto de períodos tumultuados e de inovismos tecnológicos que não atingem o dorso central do problema, que é a definição de sua conduta (LIMA, 1988). Com isso formam-se muitos para pouco; a sociedade não consegue absorver tantas pessoas diplomadas com tão pouco conhecimento, e isto reflete, de imediato, em nossas escolas de primeiro e segundo graus.

Então, de acordo com o processo escolar que é disponibilizado, os alunos saem precocemente da escola etiquetadas, estigmatizadas como incapazes, carentes e, por isso mesmo, destinadas a uma situação inferior, em termos sociais. E infelizmente, a Educação Física competitiva tem muita contribuição neste quadro, de acordo com a forma como vem sendo trabalhada, em que pese tantos estudos, pesquisas e campanhas realizadas.

Admitindo-se que a prioridade do professor hoje, no sistema escolar, é ensinar a estas camadas os conteúdos e habilidades escolares que levam ao domínio da cultura que tem valor socialmente, cabe ao docente um grande esforço em nível pedagógico de (re)habilitar-se profissionalmente de forma a cumprir competentemente o seu papel técnico-político.

Desta forma, duas posições parecem-nos fundamentais, em nossa área de atuação: 1- o domínio seguro dos conteúdos e técnicas pedagógicas e de movimentos que deverão transmitir para seus alunos e, 2- com base em uma crítica profunda das didáticas e metodologias que normalmente fazem parte pedagógica que vêm desenvolvendo, assim como das teorias que as embasaram, tentar reconstruir o fundamento técnico-pedagógico da prática do conhecimento, manifestação e controle corporal, valorizando as formas básicas de jogos e orientando as competições para algo a mais que o ganhar ou perder.

Apenas deste modo acreditamos que será possível perceber e ressaltar que existem diferenças entre o jogo e a competição. O jogo pode e deve estar presente na fase

de iniciação, enquanto que a competição se torna um mal nesta fase, e seguramente causará problemas na formação da criança. Tanto na sua formação pessoal, como ser humano, pode ser deseducativo, como também na sua formação atlética; pois a competição escolar também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível.

O jogo - festa poderá ser uma nova característica do jogo, devendo fazer parte de seu conteúdo situações de alegria, encontro, prazer de jogar. Através destas características, a criança poderá se expressar melhor buscando o bem viver, e não simplesmente um rendimento no que diz respeito ao movimento técnico. Este sim é conteúdo do jogo-competição, que poderá compor na formação da criança, mas no momento adequado e com orientação de profissionais competente.

Há possibilidade de admitir, ainda que hipoteticamente, a existência de diferenças no interior do movimento e do nível de sua motivação. É o caso, de diferenciarmos movimentos afetivos de movimentos técnico-esportivos. Dando continuidade a este trabalho, importa ressaltar a necessidade de pesquisas, de publicações e, sobretudo, de estudos relativos ao tema proposto. Esta afirmação se torna mais evidente, segundo Huizinga (1980) a partir do número crescentes de criança praticantes do esporte, nas diferentes modalidades.

De certo modo é satisfatório que este crescimento ocorra. Quanto mais crianças nas quadras, pistas, campos, piscinas, etc., maiores alternativas educacionais tornam-se possíveis, privilegiando um momento para a formação do cidadão. Segundo a proposta de trabalho, pode acontecer o engano, a iniciação deve priorizar o jogo e não substituí-lo pela prática competitiva. Este é outro momento do aprendizado e da vida de uma pessoa. Esta opção é importante, devendo, não obstante ser formulada em tempo.

Quando se dá a especialização em uma modalidade esportiva, ocorre em paralelo a competição. Esta etapa, provável no esporte, e na própria sociedade contemporânea, deve ser precedida de dois momentos educativos, no entender de Rosadas, já em seu trabalho de 1985. Inicialmente o aprendizado deve ocorrer, tendo como objetivo o desenvolvimento motor da criança, preparando-a para a atividade seguinte, proporcionando-lhe nesta fase embasamento e maturidade motora, fundamentais para formação do educando. Neste caso, a atividade deverá ser oferecida de forma lúdica, dando ao educando a possibilidade de conhecer seu corpo, seus movimentos e ainda noções de espaço.

Posteriormente poderá ter como um dos objetivos conhecerem as modalidades esportivas (LICKONA, 2008). A partir deste momento, o educando passará a ter a contato

com várias modalidades, individuais e coletivas, conhecendo através do jogo os diferentes elementos que compõem cada modalidade. A iniciação específica com uma modalidade acontecerá no estágio final, quando a competição poderá estar presente; mesmo assim, com adaptações compatíveis com as opções do ser humano em questão.

Falando em adaptações, elas só necessitam acontecer privilegiando diferentes níveis de atuação na criança durante o jogo. A organização deve ser voltada para a necessidade do educando: as regras podem ser modificadas, respeitando as características da faixa etária. A aplicação dessas regras deve priorizar o momento educativo da criança. Mesmo no nível técnico e tático, as adaptações devem ocorrer e, através de estudos com técnicos e dirigentes, desenvolver uma nova proposta nesta direção. Em suma, uma das hipóteses do nosso trabalho é que a Competição Escolar é “não-educativa”. Para nós, a competição escolar precoce tem seu valor educacional questionado a partir do momento em que deixa de ser simplesmente jogo e passa a ser competição. Disputar um campeonato e tentar ser campeão, portanto mostra que prevalece a disputa e não a participação evidenciando assim um objetivo maior, que não é o educacional.

Baseando-nos em LIMA (1991), esta proposta não tem valor educacional, pois estes eventos têm uma participação reduzida de crianças, em função da elitização pela competição, ainda num primeiro estágio de aprendizagem. Este desrespeito pelas fases que compõem a aprendizagem, também evidencia outro fator educativo: existe uma cobrança prematura inserida no objetivo proposto pela prática da modalidade.

Outra questão apontada como “não-educativa” é a falta de base dessas crianças, ainda em formação, para suportar as tensões geradas pela incerteza do jogo enquanto competição. Mesmo, para CAILLOIS (1993), não pode ser educativa uma prática onde somente os vitoriosos serão exaltados, pois na competição é dado valor somente aos vitoriosos, portanto à minoria.

Poderíamos dizer que a competição escolar precoce é “não-educativa”, por não permitir espaço para o jogo, mas apenas para prática da atividade física, limitando movimentos e espaços, inibindo a criatividade pela busca do resultado. Sendo assim, entendemos que a competição escolar não tem existência, tendo em vista os objetivos pelos quais ela se produz. Outra dificuldade por nós levantada é a motivação, que está diretamente ligado ao anterior. Ao longo do tempo, poderá causar uma fraca sensibilização para a prática (GUAY, 2007). Além disso, o valor dado pela prática competitiva às vitórias é inversamente proporcional ao valor dado para as derrotas, sendo assim, a derrota também poderá atuar como fator de desmotivação para a prática. Como

resultante deste processo, ocorre a parada prematura de um atleta que, circunstancialmente, poderia ser um atleta de alto nível.

Finalmente, apontamos o problema da especialização precoce ocorrido na competição precoce. A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória. Este procedimento, segundo Fiorese, 1989, poderá ter consequências irreparáveis na formação de um atleta, podendo, até mesmo, proporcionar um final de carreira esportiva também precoce. O jogo e a competição antecederam até mesmo o próprio homem.

É importante diferenciar estas atividades, já que cada uma delas tem sua história, seus objetivos e sua existência assegurada na cultura da humanidade. As duas poderão atuar no processo formativo de um ser, desde que aplicadas no momento adequado e por profissionais competentes, respeitando acima de tudo a criança e sua individualidade. O jogo e a competição são elementos do esporte que, por sua vez, é conteúdo da Educação Física.

Sendo assim, permitimo-nos reforçar, de forma conclusiva, uma verdade comumente repetida e geralmente esquecida: toda iniciação esportiva deve priorizar a educação e, posteriormente a formação de atletas (BRUHNS, 1996). Percebemos, então, que as atividades esportivas desenvolvidas nas escolas possam vir a se integrar no esforço educativo e social que visem preparar o aluno para a sua integração plena na sociedade em que está inserida. Desta forma teremos a prática esportiva, com suas competições escolares, como uma estratégia formativa, adequada aos objetivos sociais e culturais voltados à valorização humana.

### 3. ESCOLA E SOCIEDADE: COMO A EDUCAÇÃO FÍSICA SE COLOCA?

Acreditamos que a personalidade de nossos alunos será impulsionada pela atividade esportiva e pela competição escolar se os programas propostos enriquecerem a experiência vivida, além de estimular a observação e reflexão sobre eles próprios e aqueles que os rodeiam. É de suma importância o fato de nossos alunos, quando envolvidos com o processo competitivo esportivo escolar, refletirem sobre as dificuldades, assumirem posições, executarem tarefas e controlarem ações relativas ao ato competitivo. Entendemos que a formação esportiva escolar seja aquela que tem por objetivo principal a formação global, trilhando com equilíbrio as etapas de iniciação, orientação e especialização, numa perspectiva de participação crítica, em qualquer das manifestações da prática dos esportes escolares.

Não iremos contra a competição esportiva escolar, em absoluto. Somente questionamos os aspectos apresentados, em nossas aulas, de primeiro a segundo graus, quando o tema central é a competição. A cópia fiel do padrão esportivo adulto será a meta que buscamos atingir com nossos alunos? Um professor que tem a responsabilidade pela orientação e direção de seus alunos e equipes escolares, o domínio dos conhecimentos sobre modalidade e metodologias, sobre comunicação, motivação, observação e outras áreas, constitui uma necessidade visto que sem esses conhecimentos o seu saber não é operacionalizável. Isto significa que não haverá transformação nem efeitos relacionados com os objetivos da preparação dos atletas (CRATTY, 1998).

Procurar a explicação das coisas que rodeiam o homem, que nos acontecem seja como elemento da sociedade é uma mola que nos impulsiona. Sabemos, ainda, que o homem sente necessidade de organizar os saberes e os conhecimentos acumulados e que tende a agrupá-los de uma maneira racional de modo a poder utilizá-los com eficiência nas suas tarefas profissionais e sociais (SEGRE, 2008). Se, e somente se isto for verdade, como a Educação Física Escolar consegue ultrapassar tanto conhecimento acumulado e assumir uma vertente tão vulnerável como a competição esportiva escolar, da maneira como se nos apresenta?

Não somos a favor do estímulo e apoio oferecidos, de todas as formas, para a participação de alunos em competições esportivas escolares onde paira a mais forte seletividade. Reconhecemos que o esporte, principalmente na feição escolar, busque um entendimento do contexto social, histórico, cultural e político da sociedade que o suporta e que determina seus fins; desta maneira, o ambiente escolar prima pela atitude educacional, com objetivos educativos e formativos que dignificam o homem.

Em nível de sugestão, estamos convictos de que a competição esportiva escolar deva ser uma outra, de outra forma e com outras conotações. Talvez visando uma integração social e não a exclusão do derrotado. Quem sabe, de um modo em que o confronto com as demais pessoas não tenha um gosto de humilhação para os que chegarem aos segundos, terceiros e últimos lugares, embora esteja, ainda, revestida pelas referências sociais concretas que motivam as atividades esportivas.

Somos a favor das atividades físicas e das competições esportivas, mesmo na escola, desde que seus fins contribuam para a estruturação da personalidade de nossos alunos, estimulando-os para seu pleno desenvolvimento (LICKONA, 2008). Então, é necessário que professores, monitores e demais profissionais da área atentem para o significado educativo adequado aos objetivos sociais e educacionais que permeiam pela atividade trabalhada.

Pensar sobre as dificuldades a serem encontradas em competições, conscientizar-se das características destes acontecimentos e assumir decisões que levem a uma superação lógica, limpa e adequada podem ser caminhos preparados por aqueles que convivem, concordam e trabalham com a competição, no nível esportivo escolar (MEYNAUD, 2008). Deverá ser um processo equilibrado, desafiador e motivante, que permitirá a participação crítica dos envolvidos com a prática esportiva competitiva.

Tais sugestões não têm finalidade de solucionar em definitivo o problema da competição esportiva, dentro do ambiente escolar. Somente procuram evidenciar que, por se tratar de um lugar que deva enfatizar os princípios educacionais de maneira incisiva, a estratégia que vem sendo adotada não nos pareceu ser a mais adequada e conveniente. Precisamos partir para um projeto de Competição Esportiva Escolar Educativa.

Não podemos deixar de condenar as atitudes conservadoras interessadas na competição esportiva, dentro das escolas, como estão ocorrendo (WENNER, 2008). Entender o esporte, o jogo, o lazer e a competição esportiva como fatores psicopedagógicos e culturais é o mínimo que se pode pretender daqueles que se dizem preocupados com a evolução dos homens, em busca de suas próprias felicidades, em especial num ambiente especial como o escolar-educacional.

Não é confiável crer que a felicidade esteja nas lutas corporais, nos confrontos desleais, nas trapaças atléticas ou nos gritos exaltados de torcidas, pais e professores. Está, entretanto, no crescimento interior que se adquire ao entender o significado de uma superação física, social ou psicológica. Ou está na vitória conquistada com lealdade e compreensão das diferenças existentes entre as equipes adversárias. No entanto, o processo será mais lento. Mas o objetivo será atingido.

A divergência entre o que acontece com a Educação Física Escolar e a valorização excessiva de algumas de suas práticas em outros ambientes de nossa sociedade, talvez, ainda seja motivo para muita discussão, apesar de já haver saturado as abordagens que, segundo Gould (1997), em sua grande monta, não conseguiram total aplicabilidade: o problema não está na mudança de nomes de concepções, mas na formação do profissional que não decifra questões ligadas à teoria-prática ou que se esforça para não querer entender o esporte como um fenômeno cultural de uma sociedade do espetáculo.

A diversidade de estratégias abordadas pela Educação Física e a complexidade do processo em que elas acontecem cobram do professor uma competência, para que possa perceber as relações que se estabelecem no decorrer e em função da aula dada. Confiamos que este fato seja obra da própria história da Educação Física Brasileira e da

legislação de ensino que nos norteia, além da interpretação sofrida pela literatura estrangeira e nacional (s.m.j.) existente.

Observamos que, em diversos casos, a ausência de competência técnica e o mau uso do planejamento de ensino, bem como a pouca conscientização do profissional sejam a tônica para a distorcida visão da Educação Física no processo educacional e na sociedade (LICKONA, 2008).

Qual o legítimo significado da Educação Física competitiva, no âmbito escolar? Qual o nível de interferência no desenvolvimento do aluno esta prática pode acarretar? De que forma age e o que pensam os profissionais envolvidos com a questão? A partir da hipótese de que, por ser um dos componentes curriculares das escolas brasileiras, deva primar pela potencialidade pedagógica-educacional, será essa a constatação atingida? Onde entram os componentes psicológicos e sociais largamente debatidos em nossas academias?

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela não ocorrência de cursos específicos de Psicologia do Esporte, no Brasil, senão em programas de mestrados/ doutorados, as várias metodologias e (*des*) caminhos das várias profissões estão interferindo na formação dos profissionais, de uma forma ou de outra. Isso, ao mesmo tempo em que é entendido como vantagem, do ponto de vista interdisciplinar, oferece barreiras a partir do momento em que não se tem claro à estruturação desta área de concentração, conforme discutido anteriormente.

O que se observa como estrutura da área ainda proporciona um grande ranço de reserva de mercado, como se pensássemos em nos apoderarmos de um pedaço do saber e destinássemos a apenas alguns profissionais aquele saber. E, felizmente, o saber não tem dono. Tudo podemos saber, tudo podemos pesquisar e em tudo podemos intervir, sim. Até mesmo porque intervir significa interceder, ter uma ação direta sobre algo ou alguém, interferir, e não é possível que aos profissionais da Educação Física não caiba a possibilidade de aplicar seus conhecimentos, intervindo com adequação e limite nos desenvolvimentos psico-pedagógicos de seus alunos ou atletas.

Com esta pequena história, resultado de seu pouco tempo de existência, acredita-se que a Psicologia do Esporte está iniciando um caminho promissor, no aguardo do reconhecimento que merece, tendo em vista a dialética trajetória assumida, de questionamentos geradores de respostas que precipitam novas questões... Os esforços e a seriedade a que se prende quem assumem a área serão responsáveis pela sua divulgação e

crescimento, independentemente da formação inicial do pesquisador e da área de atuação a que se atém, transitando livremente pelo esporte escolar, passando pelas atividades livres e esporádicas da recreação e do lazer, até atingir o esporte competitivo, de resultados olímpicos.

Preocupar-nos com a intervenção ou com a formação é uma etapa que tem necessidade urgente de ser superada; nossa inquietação deve se projetar para algo maior: por um código de ética, onde os profissionais que buscarem abraçar a Psicologia do Esporte estejam aptos ao bom trabalho, amadurecidos e sábios o suficiente para garantir uma boa atuação, quer seja docente, ou científica, ou psicodiagnosticando, otimizando ou aconselhando. A área de atuação será tão forte quanto seus membros atuantes.

Como o ambiente de trabalho (ou clínica) do psicólogo do esporte deve vir a ser as quadras, os salões de danças, as piscinas, os campos de futebol, ou seja, o próprio contexto onde se desenvolve a atividade física, as intervenções serão tanto mais adequadas quanto se aproximarem de seus contextos... logo, distante das atitudes clínicas e convencionais da Psicologia, apregou Garry Martin, psicólogo do esporte de equipes olímpicas canadenses, em seu mini- curso, em Campinas, no Encontro de Medicina do Comportamento Humano.

Intervir, muito além do que uma ação profissional é um ato de consciência, numa dupla configuração: a do que exerce a ação e a do que sofre esta interferência. Isso apenas dá garantia à relação interpessoal, sem dar garantias de bons procedimentos, o que nos remete ao conhecimento ético e moral, assunto central de nosso trabalho. Intervir é agir com critério ético, através de procedimentos profissionais, num determinado contexto (LICKONA, 2008; WENNER, 2008). Esta identificação está a premiar todos os profissionais graduados em áreas afins à Psicologia e ao Esporte; a seletividade está na ética e na moral da conduta profissional.

Segundo a visão de profissionais da Educação Física, a situação brasileira do psicólogo do esporte é muito diferente daquela vivida pelo norte-americano, europeu ou asiático, por conta de sua própria formação básica. Enquanto os eixos centrais de conhecimentos continuarem excluindo seus complementares, no Brasil, as dificuldades tendem a persistir: educadores físicos que fogem de aulas de Psicologia e psicólogos que fogem de aulas de Educação Física.

É aparentemente simples tal citação, porém atende aos objetivos e propósitos da atuação do profissional. Segundo Singer (1997), como pode estar preparado para trabalhar na interface o profissional que na sua graduação não se motivou para conhecer a outra

área? É possível entender aquilo a que não se conheceu? Como lidar com estas questões iniciais?

Outro ponto que se configura vulnerável na formação universitária nacional é o grau de aplicabilidade dos conhecimentos veiculados: o volume de teorias ensinadas e a pequena relação estabelecida entre teoria-prática resultam num descrédito daquilo que é ensinado. Para Guay (2007), não concretiza o saber, o que pode vir a ser a gênese da ignorância da área de interface. O distanciamento do “saber” e do “saber para quê” faz diferença no desenvolvimento de comportamentos interdisciplinares, como o que aqui sugerimos.

Pensamos que a existência de um banco de dados comuns, onde se reunissem pesquisas, projetos e estudos interdisciplinares, seria de grande utilidade e progresso para a área, visto que possibilitaria a manutenção de discussões sobre teorias e práticas atuais, a discussão de elementos clássicos das áreas envolvidas e incrementaria a busca por novos procedimentos. Refletindo a partir da Psicologia do Esporte, para que ela cresça entre as Ciências do Esporte, será essencial que intensifiquemos a busca pelo saber, com procedimentos éticos adequados. Independentemente de nossas formações.

Para que esta situação tome corpo e estabeleça-se enquanto campo de atuação e possível ciência, é preciso que a Psicologia do Esporte entre nas escolas, como conteúdo, como procedimento, como indagação. Somente deste modo compreendemos a possibilidade de gestarmos praticantes esportivos com uma qualidade de vida saudável, equilibrados e adequados aos seus tempos e modalidades. Isto reafirma constatações anteriores, com relação a esta relação: é nas escolas que nascem os atletas do futuro.

## REFERÊNCIAS

- BAYONA, B. **El deporte hacia el siglo XXI: movimiento y curriculum**. Madrid: Morata, 2007.
- BRUHMS, H.T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papirus, 1996.
- CAILLOIS, R. **Les jeux et les hommes**. Paris: Folio Essais, 1993.
- CRATTY, B.J. **Psychologie et Activité Physique**. Paris: Seuil Edit, 1998.
- FIGLIARESI, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes. **Revista da Fundação de Esportes e Turismo**, v.1, n.2, p.23-31, 1989.
- GARCIA FERRANDO, M. **Aspectos sociales del deporte**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- GOULD, D. Psychosocial Development and children's sport. **Rev. Quart.**, v.43, p.425-539, 1997.
- GUAY, H. **La Culture Sportive**. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectivas, 1980.
- LICKONA, T. **The return of character education**. Chicago: Rand-McNally, 2008.
- LIMA, T. **O Desporto está em suas mãos**. Lisboa: Horizontes, 1988.

- LIMA, T. **Competição para jovens**. Lisboa: Horizontes, 1991.
- MACHADO, A.A. **A formação e atuação em psicologia do esporte no Brasil**. Rio Claro: UNESP (trienal) 2003.
- MEYNAUD, J. **Sport et Politique**. Paris: Calmann-Lévy, 2008.
- NAHAS, M.V. A competição e a criança. **Comunidade Esportiva**, v.19, p.16-20, [s.d.].
- ROSADAS, R.B. Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce. **SPRINT**, v.3, n.2, p.56-64, 1985.
- SEGRE, M. **Les enfants et les adolescents face au temps libre**. Paris: Les editions ESF, 2008.
- SEURIN, P.A. Manipulação da criança para o sucesso esportivo. **Boletim FIEP**, v.53, n. 02/03, p.15-17, 1983.
- SINGER, R. **Psicologia do Esporte**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- WENNER, L.A. **Media, sport and society**. Isleworth: BASS, 2008.

---

**Mauro Klebis Schiavon**

Licenciado em Educação Física e Técnico Desportivo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1989) e Licenciado em Pedagogia, com habilitações em Administração e Supervisão Escolar - Faculdades Integradas Claretianas (2006). Especialista em Basquetebol pela USP (1990) e em Natação e Condicionamento Físico Aquático, pelas Faculdades Integradas Claretianas (2008). Especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Anhanguera Educacional e Especialista em Tecnologias e Educação a Distância pela UNICID. Atualmente é professor do Centro Universitário Anhanguera - LEME, onde ministra as disciplinas de Basquetebol, Psicologia do Esporte e Natação. Atua também como Coordenador Pedagógico na Secretaria Municipal de Esportes de Rio Claro. Mestrando em Desenvolvimento Humano e Tecnologias pela UNESP - Rio Claro. Membro do LEPESPE.

---

**Afonso Antonio Machado**

Professor Doutor - UNESP - IB - Rio Claro.